

HARTMANN, Luciana. Gesto, palavra e memória: performances narrativas de contadores de causos. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011. 310 p.

Jael dos Santos¹

O livro de Luciana Hartmann² trata-se de um estudo antropológico que se detém a analisar aspectos da tradição oral cotidiana estabelecida entre os habitantes da região da tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai no Rio Grande do Sul. Tal espacialidade é também conhecida enquanto “Região da Campanha”³.

O ponto partida da autora foi a sua experiência no campo das Artes Cênicas e a curiosidade que mantinha sobre os costumes da referida espacialidade. Inicialmente o que atraiu o seu olhar para a pesquisa era uma visão provinda de todo um conjunto de composições literárias nas quais “homens e mulheres que, em eventos quase ritualísticos, reuniam-se nos galpões de estância, à volta de uma fogueira, para contar histórias” (HARTMANN, 2011: 23). Nessas narrativas a hospitalidade, o hábito de tomar chimarrão e a habilidade de contar histórias, os *cuentos*⁴, e encená-las⁵, eram as principais marcas. A partir da pesquisa alguns desses elementos permaneceram, outros, porém, se revelaram muito mais complexos de serem analisados. Para apreender tais complexidades a obra foi composta em nove capítulos.

O livro parte das indagações sobre a pesquisa *in loco*, as quais resultaram na construção dos dois primeiros capítulos. Em um texto etnográfico muito bem conduzido a autora narra como a pesquisa deu formas ao seu olhar sobre a região, em outras palavras, como “o campo deu forma ao campo” (HARTMANN, 2011: 27-52). Nesse interim a autora constata que contar histórias, procedimento que aparentava ser extremamente ritualizado, era algo que estava amalgamado às vivências cotidianas,

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Bolsista CAPES. E-mail: jaelsantos89@yahoo.com.br.

² A formação da autora se situa no campo das Artes Cênicas (graduada pela Universidade Federal de Santa Maria) e da Antropologia (mestre e doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina). A obra é resultado de sua tese de doutorado.

³ A autora pontua que o termo “campanha” foi utilizado no trabalho sob dois significados. Um desses se refere à Microrregião do Rio Grande do Sul na qual se situam as cidades de Quaraí, Santana do Livramento e Vila Alborno. O outro sentido do termo “campanha” é partilhado pelas pessoas da região para designar o campo ou zona rural (HARTMANN, 2011: 8).

⁴ *Cuento* é a tradução do termo “conto/causo” em língua espanhola. No trabalho tal termo se destaca na medida em que é utilizado para designar as narrativas da região da fronteira.

⁵ No que tange a interpretação do aspecto teatral, a autora emprega o conceito de “performance”. Na obra essa característica é analisada sob dupla acepção. a). Situando as narrativas pessoais enquanto marcadas pela necessidade do “desempenho” como parte constitutiva do relato; b). Pensando os momentos nos quais as narrativas são transpostas à coletividade, sobretudo quando emergem para o público como expressões da tradição local – momento no qual a autora dialoga com o estudo de Eric Hobsbawm e Terence Ranger (2012).

sendo muito menos ritualizadas do que ela imaginava. Os *cuentos* não eram estimulados por uma “aura”, um momento específico, mas surgiam espontaneamente em meio aos trabalhos, ao chimarrão, às conversas, sendo, portanto, portas de entrada para que ela compreendesse os modos como se constituía a “cultura de fronteira” – daquela área de fronteira, como muito bem pauta a autora (HARTMANN, 2011: 53-76).

No terceiro capítulo a autora estabelece uma série de reflexões acerca da utilização dos equipamentos que se fizeram necessários durante a pesquisa. Cabe lembrar que o seu objeto de pesquisa foram os “atos” narrativos e não o conteúdo dos *cuentos*, algo mais caro aos historiadores. Entretanto, tais reflexões quanto ao aspecto técnico possibilita a nós historiadores pensar os meandros que envolvem a captação das narrativas e os imprevistos que surgem nessas ocasiões. Destaca-se a forma como a autora descreve o contato dos sujeitos com os equipamentos audiovisuais, momentos permeados por estranhamentos, surgidos pelo revelador conjunto de códigos estéticos evocados pelos sujeitos face aos momentos de pesquisa (HARTMANN, 2011: 77-94).

A autora constrói o quarto capítulo de sua obra tecendo considerações sobre a ideia de “rede”, conceito fundamental ao seu trabalho (HARTMANN, 2011: 95-126). A partir de tal noção, a autora pode complexificar o seu objeto e compreender que contar histórias não era tão somente uma prática comum entre os habitantes da região, mas também se configurava enquanto um sustentáculo para a manutenção das relações sociais e dos modos de vida. Tal predicado foi apontado pela autora nas primeiras páginas do livro, ao situar os emaranhados interpessoais pelos quais percorreu na busca dos *cuentos* – sintetizados nas indicações e negações dos sujeitos, evocadas quando ela solicitava sua colaboração: “eu não sei contar, mas o fulano sabe...” (HARTMANN, 2011: 8).

O texto aponta, também, que nos interstícios das narrativas eram reproduzidas e reafirmadas as diferenças de gênero, as rotinas de trabalho e as alteridades nacionais. Em suma, revelou-se à pesquisadora uma ampla “rede” de experiências e relações intersubjetivas as quais forneciam os “nós” sociais que mantinham a “cultura de fronteira”. Ainda nessa alçada, a autora construiu um quadro temático, mapeando tipificações presentes nos *cuentos* e como esses “papéis” sugeriam aos indivíduos comportamentos, formas de contar e o que contar⁶. Portanto, nem tão ordenadas nem

⁶ As tipificações elencadas pela autora são: indivíduos idosos, mulheres, bêbados, historiadores locais e os tradicionalistas, podendo um indivíduo se enquadrar em mais de uma dessas (HARTMANN, 2011: 95-112). Também estabelece os principais temas dos *cuentos*: as histórias de assombração, de enterro de

tão volúveis foram as maneiras como os sujeitos da fronteira construía os *cuentos*, pois a sua inserção no grupo e a posição que ocupavam no interior eram valores relacionados com a forma e o conteúdo dos atos narrativos.

No quinto capítulo a autora situa o objeto da obra face a história da região da Campanha. A região abordada é historicamente agrícola e em grande medida o trabalho no campo foi o principal meio de subsistência, consubstanciando-se de forma recorrente nos *cuentos*. Vários processos históricos proporcionaram mudanças significativas na configuração produtiva e de trabalho na região, essas incidiram sobre os modos de vida locais tanto no passado quanto em processos mais recentes⁷. Parte significativa dos indivíduos que a pesquisadora encontrou permaneceram no campo durante grande parte de sua vida, mas hoje, aposentados, moram em áreas urbanas, seja por considerarem o espaço mais interessante, seja devido aos problemas de saúde. Todavia, o campo ainda é o principal tema dos *cuentos*, sobretudo devido às vivências da população mais idosa que, mesmo distante espacial e temporalmente da vida de campo, ainda mantém os valores e experiências nas áreas rurais como marco mnemônico. Associa-se a esses elementos alguns outros, próprios das áreas de fronteira, como a prática do contrabando, as fronteiras idiomáticas e os conflitos armados que historicamente marcaram a região.

Duas questões percorrem o capítulo seguinte: como se constitui o sujeito que narra e que experiências lhe atribuem a legitimidade para narrar? Quais critérios somados ao ato de falar ordenam o encadeamento estético e moral das narrativas? A autora expõe, a partir de tais questões, a racionalidade que sustenta a utilização dos códigos culturais comuns aos indivíduos da região. Essa racionalidade se expressou por meio de generalidades que percorreram o modo como os sujeitos da região narram as suas experiências – tanto do ponto de vista do que foi “realmente” vivido quanto do que foi ouvido, reinterpretado e situado nas trajetórias de vida. Nesse sentido, emergem vários critérios de legitimidade: ser andarilho, livre, sob determinados aspectos insubordinado, trabalhador, testemunha, ouvinte, enfim, em viver o que os sujeitos da região convencionaram enquanto tradição. As narrativas dessas experiências, vividas ou

dinheiro, de guerra, as anedotas (que subvertem os códigos locais) e as histórias impróprias, ou picantes (HARTMANN, 2011: 113-124).

⁷ Quanto ao passado a autora elenca como significativos a consolidação do modelo estancieiro e o processo de sedentarização dos indivíduos ditos gaúchos, os quais de trabalhadores autônomos passam a vincularem-se às estâncias como trabalhadores regulares. No que tange a questões mais recentes a autora destaca a fragmentação das grandes propriedades, a diminuição do poder dos estancieiros e a aguda onda de migração para áreas urbanas. (HARTMANN, 2011: 163-174).

ouvidas, dão forma, caminhos e referências para os *cuentos* (HARTMANN, 2011: 175-202). No texto, essas características são endossadas com fragmentos narrativos, o que torna a leitura instigante.

Nos capítulos sete e oito a autora centraliza a sua discussão nos elementos ligados a visualidade e a inteligibilidade das narrativas, mais precisamente nos recursos que os indivíduos contadores utilizaram para compor os *cuentos* e os dispositivos utilizados por eles nesse procedimento. A autora demonstra que não se trata somente de inventariar palavras-chave e suas posições, mas de compreender como esses elementos aparecem e se combinam quando os sujeitos organizam o caos de códigos próprios do local sob a forma de uma narrativa coesa. Em outras palavras, a autora pode analisar que tornar-se sujeito naquele quadro de relações passa pelo domínio sobre os significados relacionados às experiências, sejam essas corriqueiras ou não. Ao mesmo tempo, esse domínio também evidencia a individualidade dos sujeitos face aos demais.

O capítulo sete se centraliza na análise da textualidade do corpo, entendido enquanto recurso narrativo, sobretudo enquanto gatilho de memória. Destaca-se, nesse tocante, a presença das cicatrizes na elaboração das narrativas, pois essas e outras marcas pautam a posição do sujeito em meio ao evento narrado, os permitindo pessoalizar e autenticar a sua experiência (eu vi, eu vivi, eu sofri). Além das marcas, a autora destaca a mútua determinação entre o uso do corpo pelo contador e a representação do espaço na narrativa, consubstanciada, por exemplo, nos gestos horizontalizados que aludem à paisagem dos pampas, as quais são planas e amplas. Esse conjunto de características também se expressou na composição da indumentária e do corpo (barba, cabelo comprido, tamancos, etc.), e nos recursos utilizados para atribuição de vivacidade aos relatos: os gestos e a reprodução gestual dos viveres no trabalho no campo, os sons dos animais, os sons naturais, de armas, etc. Essa mútua determinação entre corpo e narrativa, que não é exclusividade do caso estudado, foram preciosos gatilhos de memória dos *cuentos*, que não necessariamente tratavam de experiências vivenciadas pelo contador – daí o teor intersubjetivo presente nas composições narrativas (HARTMANN: 203-228).

No oitavo capítulo a autora estudou a composição narrativa e poética dos narradores com os ouvintes, seu público, a partir da análise de dois *cuentos*. Nesse momento ela se dedica à compreensão dos meandros da inteligibilidade narrativa, ou como a experiência narrada e a sua expressão performatizada se utiliza combinando os códigos comuns à região (palavras, gestos e sons) para recriar um momento em toda sua

complexidade (HARTMANN, 2011: 229-245). Para tanto a autora analisa de modo detido o desempenho de dois dos sujeitos da pesquisa: o primeiro corresponde ao *cuento* do Senhor Dante Turcatti, o qual reside em Cerro Pelado/UY, e o segundo do Gaúcho Barreto, residente em Santana do Livramento/BR. Em ambos os casos se percebem várias regularidades, comuns nas narrativas dos sujeitos da região, o que reiterou a intersubjetividade das experiências e a sintetização dos códigos culturais da região quando na transmissão narrativa. Todavia, as performances também evidenciaram as singularidades de cada um dos sujeitos (HARTMANN, 2011: 245-258).

O capítulo nove se detém em duas festividades tradicionais na região: o Desfile do Dia do Gaúcho e as *Criollas*. Esses momentos são abordados pela autora devido às festas serem efemérides que, sob a forma do rito e da performance, externalizam os códigos culturais da região sob a forma coletiva. A autora pontua em sua análise que a festa é um evento programático que exaspera o cotidiano, mas mantém fina sintonia com ele, pois demanda o posicionar de corpos, narrativas, danças, músicas, a serviço da manutenção dos códigos culturais locais. As festas também proporcionam a atualização desses códigos e carregam em sua forma e conteúdo novos anseios, expressos entre ordenamentos e desordenamentos (HARTMANN, 2011: 259-282).

A autora conclui a obra estabelecendo a importância que a ida a campo apresentou para a pesquisa. Foi atravessando fronteiras e conhecendo os sujeitos que lá vivem que Hartmann visualizou os “nós”, como ela mesma denomina, que amarravam as subjetividades dos que vivem na fronteira a um *ethos* constituído historicamente (HARTMANN, 2011: 283-290). Conhecer o universo dos sujeitos aos quais nos dirigimos, suas trajetórias, marcas e o modo como constroem a trama da própria vida nos desvencilha de nossas expectativas e aguça o olhar para outros pontos, aparentemente irrelevantes, que constituem toda uma vida, única e irrepetível (BENJAMIN, 1994: 197-221). Narrar de uma determinada forma uma determinada experiência é parte fundamental do modo como os sujeitos da fronteira marcavam as suas vidas e se deixavam marcar pelas inscrições do tempo e do espaço em suas subjetividades. A tradição, sob tal abordagem, é performance e, fundamentalmente, experiência.

Os historiadores há certo tempo vêm considerando as complexidades que se expressam no ato narrativo dos sujeitos no momento em que interpretam as suas trajetórias, dos grupos aos quais se vincularam, dos lugares que habitaram. A maior

JANEL DOS SANTOS

contribuição dessa obra ao campo historiográfico reside na importância de estarmos atentos à efemeridade das narrativas, às nuances entre palavras, corpos, gestos e sons.